



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTs DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTs DE GRADUAÇÃO

Cores Caiçaras: fotografias analógicas afagando memórias, afetos e consumos¹

Gilson Dias Pedroza²

ESPM/SP

Resumo

Este artigo apresenta excertos da dissertação *Cores Caiçaras: memórias, consumos e afetos compartilhados no litoral norte de São Paulo*, cujo recorte explorou o consumo de fotografias analógicas de Nícia Guerriero, feitas entre 1980 e 1990, digitalizadas trinta anos depois e disponibilizadas na internet através de um álbum virtual no Facebook da mesma autora. Tais fotos foram feitas *Costa Sul* do litoral Norte de São Paulo, na cidade de São Sebastião, na praia Boiçucanga e suas vizinhas. Nosso *corpus* incluiu análises sobre o material produzido e postado, sobre as ferramentas de interação do Facebook, entrevistas com a fotógrafa, e a referência teórica, que transitou entre comunicação e consumo, memória e imagem, dialogando com autores como: Norval Baitello, Rose Rocha, Maurice Halbwachs, Joan Fontcuberta, Fausto Colombo, Mônica Nunes. Como principais resultados, notamos que estas fotos, colaboraram para convocar e espriar em outros níveis de intensidade, memórias, afetos e consumos.

Palavras-chave: Comunicação e consumo; memória; fotografia e imagem; Boiçucanga; Facebook

Considerações iniciais

Este trabalho procura trazer um breve panorama sobre a dissertação acima referida, defendida em 2017 na ESPM/SP. Nosso estudo analisou imagens digitalizadas de fotografias analógicas postadas

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 Comunicação, Consumo e Memória: cenas culturais e midiáticas, do 7º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 10 e 11 de outubro de 2018.

² Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo PPGCOM-ESPM, vinculado ao Grupo de Pesquisa MNEMON (Memória, Comunicação e Consumo); e-mail: gil@espm.br



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

na rede social Facebook. Nossa proposta foi discutir se estas imagens, reproduzidas digitalmente e consumidas simbolicamente no ambiente midiático de uma rede social colaboram para uma maior aproximação (ou reaproximação) dos moradores das praias de Boiçucanga e arredores, se emanam memórias individuais e coletivas por meio do álbum *Cores Caiçaras*³.

Os conceitos de comunicação e consumo, memória e imagem estiveram, durante o desenvolvimento deste trabalho, em constante e rica intersecção, um incessante diálogo cuja contribuição de autores como Rose de Mello Rocha (2009, 2012, 2014), Norval Baitello Jr. (2005, 2010, 2014), tiveram livre trânsito além das fronteiras de determinados campos teóricos como comunicação e imagem, por exemplo. Evitando uma segmentação específica, além dos pesquisadores já mencionados mobilizamos também para o campo da comunicação e consumo Mary Douglas e Baron Ishwerwood (2013), para os estudos de memória convidamos Fausto Colombo (1991), Mônica Nunes (2014, 2015), que explora também cultura e afeto e Maurice Halbwachs (2013), pioneiro na articulação entre as memórias coletiva e individual. Para explorar imagem e fotografia também trouxemos Armando Silva (2008), que faz um estudo sensível do álbum fotográfico, Joan Fontcuberta (2012) que tem um olhar agudo sobre imagem contemporânea, principalmente a partir da fotografia, e Roland Barthes (2006), que pensa a fotografia a partir de uma mensagem. Para dar conta dos conceitos relacionados à *wold wide web* e redes sociais a principal colaboração partiu de Raquel Recuero (2009, 2011).

Norval Baitello (BAITELLO JR., 2014) propõe que a cultura excessiva de imagens da sociedade pós-internet provocou, pelo seu consumo excessivo, uma crise de exposição a partir do seu excesso “gerando uma inflação que agrega a elas um crescente desvalor” (idem, p. 129). Tal excesso, segundo o autor, impele ao seu oposto, a invisibilidade.

Arriscamos também que Roland Barthes (2006), muito antes do advento comercial da internet, no fim da década de 1970 já denotava um consumo excessivo de imagens a partir da fotografia:

É o que se passa em nossa sociedade, em que a Fotografia esmaga com a sua tirania as outras imagens: já não há gravuras, não há pintura figurativa (...) Uma das características do nosso mundo é talvez: aí tudo se transforma em imagens. Só existem só se produzem e só se consomem imagens (idem, p.129).

³ Disponível em:

https://www.facebook.com/nicia.guerriero/media_set?set=a.10200449182424932.1073741826.1617791253&type=3



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

O papel dominante da mídia eletrônica sobre o consumo é evidenciado pelo tempo médio diário que uma pessoa passa em frente não só ao computador como em outras mídias, influenciando nas relações em que ocorre o consumo simbólico, no consumo, como diria Roger Silverstone (2005), como experiência. “Consumimos a mídia. Consumimos pela mídia. Aprendemos como o que e como consumir pela mídia. Somos persuadidos a consumir pela mídia. A mídia, não é exagero dizer, nos consome” (idem, p. 150). A fina linha que separa os consumos material e simbólico que assim como a imagem, a experiência nos consome. E consumimos experiência (idem).

Esta discussão sobre o consumo contemporâneo de imagens, protagonizada pela sociedade midiática pós-internet serve como pano de fundo para apresentarmos a proposta da dissertação mencionada, que partiu dos estudos de fotografias em grande parte analógicas, produzidas pela fotógrafa Nícia Guerriero no período já mencionado, digitalizadas cerca de trinta anos depois (2013) e disponibilizadas na internet através do álbum virtual *Cores Caiçaras*, da rede social Facebook, em sua página pessoal. É válido mencionar que foi a partir uma tentativa um tanto quanto frustrada de expor, em meados de 2012, 28 fotos no centro de São Sebastião que provocou a criação do álbum *Cores Caiçaras*. Sucessivas transferências na datas de exposição (GUERRIERO 2017c) acabaram por relegar sua exposição para o fim da alta temporada. Logo, chateou-se: “um lugar onde ninguém passa, para uma época sem turista. Aí, na véspera da inauguração (que nem teve cerimônia, nem fui lá), eu anunciei no “Face” e postei” (idem).

Nícia nasceu na capital do Estado de São Paulo. Com tanto trânsito pelo litoral norte do Estado, principalmente sua frequência à praia de Boiçucanga, provocou sua mudança para lá em 1986, indo trabalhar como fotógrafa social e também dando aulas no colégio local. A partir destes trabalhos o seu envolvimento com a comunidade foi aumentando, e seus registros fotográficos constantes foram atestam isso. Algum tempo depois parte destes cliques foram transformados em cartões postais e (também) entraram em páginas de livros. A ideia de criar os postais começou no início dos anos 1990,



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

mais especificamente em 1992⁴; atingindo seu ápice entre 1997 e 1998 (GUERRIERO, 2016a). Ela ainda guarda, em sua casa, gavetas com inúmeras cópias de seus cartões (GUERRIERO, 2017a). O álbum virtual mencionado pode ser considerado uma simbiose do trânsito de suas imagens.

Da experiências tangíveis dos postais às experiências intangíveis dos posts no Facebook.

O que nós propusemos discutir neste trabalho é se as fotografias, em sua maioria analógicas e posteriormente reproduzidas no formato digital e consumidas simbolicamente no ambiente de uma rede social contribuiriam para a aproximação entre as pessoas do grupo pesquisado, que foi entendido em nosso trabalho como uma comunidade, e se delas, das imagens, emanariam memórias individuais e coletivas por meio do álbum *Cores Caiçaras*. Ou seja, nosso trabalho de “campo” partiu de um lugar tangível (a praia de Boiçucanga e arredores) e desaguou num espaço intangível (a rede social Facebook).

Consideramos, desse modo, que fizemos uma etnografia virtual a partir de duas frentes: uma conhecida como *netnografia*, a partir das imagens postadas na rede social. De acordo com Frago, Recuero e Amaral (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011) este termo é utilizado por pesquisadores que estudam o ambiente virtual a partir de um viés antropológico. Ao ser criado na virada do século, sua intenção foi “demarcar algumas adaptações do método etnográfico em relação tanto à coleta e análise de dados, quanto à ética de pesquisa. Relacionado aos estudos de comunicação com abordagens referentes ao consumo, marketing e estudo das comunidades de fãs”. (idem p. 198-199).

Logo, o que procuramos nesse trabalho foi fazer análises das interações que estas fotografias provocavam, das impressões que tais imagens trazem, partir de reminiscências ou afetos, e o quanto isto poderia expandir e espalhar um consumo simbólico entre os moradores (não só os caiçaras) de Boiçucanga e praias vizinhas. Para tanto, mapeamos e analisamos quanti e qualitativamente as ferramentas interativas *curtir*, *compartilhar* e principalmente *comentar* do Facebook. Na referida

⁴Informações obtidas no site da artista. Disponível em: www.niciaguerrero.com.br Acesso em 01/06/2017



dissertação disponibilizamos, em CD anexo, quadros de análise a partir destas ferramentas de todas as imagens disponibilizadas no álbum⁵.

O segundo caminho, a segunda forma de etnografia (virtual) que traçamos parte dos próprios lugares pesquisados, ou seja, o litoral norte do Estado de São Paulo, mas nós transitamos por lá através da memória. Um lugar e espaço de convivência que este pesquisador compartilha desde a sua infância, onde ainda reside o seu pai, na praia de Boiçucanga. Houve uma tentativa de esmiuçar cuidadosamente suas próprias lembranças para recuperar dados, histórias e inclusive “traduzir” o modo de falar do habitante caiçara dessa região, uma tentativa de fazer uma etnografia “materializando” um lugar a partir da memória:

o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível retomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço – o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça (HALBWACHS, 2013, p. 170).

Encaminhado por Halbwachs e pautado na própria relação deste autor com a memória deste lugar, decidiu-se fazer uma sequência intensa de entrevistas com a autora das fotografias⁶. Em boa parte das referências e discussões ocorridas durante as entrevistas inevitavelmente recorreu-se a estas conexões citadas. O trabalho em questão, procuramos deixar claro, não esteve relacionado à trajetória de uma fotógrafa que vive no litoral norte do estado de São Paulo. Mas ela, seu envolvimento com a comunidade e a memória da região nos serviram como pontos de partida e de chegada, transitamos um

⁵ Durante o período de um ano a fotógrafa postou 59 fotos, entre 14 março de 2013 até 14 de março de 2014, destas a grande maioria imagens realizadas entre os anos 1980 e 1990, algumas já publicadas em cartões postais, livros, etc. A sexagésima foto foi postada em fevereiro de 2016. Em 2017, ano de início e conclusão desta pesquisa, Nícia reativou novamente seu álbum, postando outros registros mais recentes, feitos com câmera digital. No entanto, segundo a própria autora, buscando manter uma coerência com as imagens anteriormente postadas (GUERRIERO, 2017a).

⁶ Foram realizadas oito entrevistas entre junho de 2016 e julho de 2017, sendo duas em áudio, gravadas por telefone e mais seis através do canal de mensagens do Facebook, o *Messenger*. Além de considerarmos todas de extrema relevância para o trabalho, é importante mencionarmos que houve uma troca intensa de arquivos com respostas aos questionamentos e também imagens, que foram inseridas no trabalho. A flexibilidade da ferramenta aqui citada permitiu uma rica construção da pesquisa.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

pouco por sua história, afinal Nícia “integra o trabalho como uma guardiã da memória da região” (PEDROZA, 2017, p. 16).

Como deixamos claro que o trabalho não se referia à trajetória de uma fotógrafa, é preciso aqui mencionar que nós não procuramos discutir a internet ou suas redes sociais. O que procuramos aqui foi realmente explorar nossa linha de pesquisa no PPGCOM-ESPM, ou seja, os Processos da produção e estratégias midiáticas articuladas ao consumo: as formas de produção e disseminação que a fotógrafa se ocupou para divulgar o seu trabalho e as reações causadas através do uso das ferramentas comunicacionais do Facebook (*curtir, comentar, compartilhar*) que também, perdoem-nos a redundância, produziram relações entre interação e interatividade provocadas a partir das postagens no álbum virtual estudado. Conforme esclarece Afonso de Albuquerque (2014),

conceitos como interatividade (referente à capacidade de os computadores “reagirem” aos comandos dos seus usuários humanos) e interação (entre o usuários humanos) mediada pelo computador ganharam proeminência na pesquisa sobre os meios de comunicação. (idem, p. 263)

Ainda de acordo com Albuquerque (idem), a internet é uma espécie de mídia contemporânea que aglutina outras mídias que surgiram antes, como vídeo, fotografia, etc. Por conta disto suas conexões são ricas, variadas, o que provocam maiores simbioses midiáticas que ampliar seus campos comunicacionais. A fotografia de origem analógica, por exemplo, ao ser digitalizada e disponibilizada num ambiente virtual só tende a aumentar suas possibilidades de reminiscências de forma praticamente ininterrupta tanto no tempo quanto no espaço:

O distanciamento no tempo, assim como no espaço, produz ou permite a produção de abstrações, reforçando o papel do imaginário e das representações sociais na construção da vida social: abstrações, representações, imaginários sociais presentes em qualquer duração, movimento ou momento”. (idem, 2005, p. 96)

Em relação ao uso de um site de rede social como o Facebook, a mais eficiente referência para se perceber as interações de algo postado está no botão *comentar*. De acordo com Raquel Recuero (2014) o botão *comentar* é quem denuncia um maior envolvimento para quem interage neste site: “O comentário compreenderia assim uma participação mais efetiva, demandando um maior esforço e acontecendo quando os usuários têm algo a dizer sobre o assunto” (idem, p. 120). É o seu teor que tende a induzir outras manifestações. O botão *compartilhar* tem o seu valor amplificado quando se percebe que muitos comentários podem surgir depois dele.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

A história por trás de cada clique sempre parte do seu antes, o seu durante e o seu depois. Através deste álbum virtual, a continuidade de sua história, o seu roteiro está sempre sendo reescrito de forma imprevisível: em alguns momentos bombardeiam-se manifestações sobre uma fotografia (no caso do Facebook, a partir das ferramentas comunicacionais já referenciadas). Às vezes uma imagem, ou o próprio álbum pode ficar entorpecido, como num processo de congelamento dentro do mundo virtual da internet. Os intervalos de tempo podem partir das interações dos usuários da rede social. Ou ficar à mercê, no caso deste álbum, da própria fotógrafa: em três dias publicou a maior parte das fotos, posteriormente, ficou quase um ano até voltar a postar outra imagem. Para Etienne Samain (2003, p. 51), uma fotografia seria uma partitura em constante execução, arranjo:

(...) a fotografia não funciona sem a nossa participação. Mais: é ela que provoca, conduz e dirige nossa participação. Ela é uma espécie de partição musical, de grande sinfonia, cujas modulações e formas nos são dadas para serem lidas, decifradas e executadas. Ignoramos, é verdade, que esta partição é sempre uma sinfonia inacabada.

Inúmeras imagens presentes no álbum *Cores Caiçaras*, de acordo com a sua autora (GUERRIERO, 2017a), eram em sua origem cartões postais. Nas discussões que fizemos em nossa dissertação, propusemos dois diálogos entre comunicação e consumo através de mídias, contemporâneas entre si: de um lado a constituição da imagem fotográfica encontraria uma rica parceria com o consumo do cartão postal, desenvolvidos quase que concomitantemente no século XIX (SOTILO, 2014; FABRIS, 1998). De acordo com Caroline Sotilo (idem, n.p.) o cartão postal contribuiria para transformar a fotografia num verdadeiro “inventário do mundo”.

O outro diálogo confrontaria, em nosso modo de ver, a fotografia digital e as redes sociais, tal como o Facebook. A relação dinâmica destas formas de comunicação contemporâneas, bem como as suas formas de mediação, sobretudo através da *web*, se harmonizam, tanto para o bem quanto para o mal. Joan Fontcuberta (2012, p. 14) reitera, ao analisar as formas de materialidade das fotografias analógica e digital, que “cada sociedade necessita de uma imagem à sua semelhança”. Seu olhar sagaz ainda corrobora o primeiro diálogo proposto acima, entre a fotografia analógica e os cartões postais.

É possível que o Facebook através destas ferramentas interativas contribua não só para o espriamento da memória e do consumo simbólico. Pensando na relação entre texto e imagem, em



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

frente e verso (fundamentais nos postais) há uma ressignificação de boa parte destas fotografias do álbum virtual *Cores Caiçaras*.

Postais que virariam *posts*. Bens e mensagens ressignificados no ambiente virtual (considerando inclusive o momento do clique como um primeiro ato de consumo simbólico), inclusive fisicamente, emitindo uma nova rodada através de um interminável *feedback*:

Temos de tentar descobrir o sistema de *feedback* que se move entre o modo como as pessoas vivem quando dizem coisas sobre si mesmas, através dos bens num determinado ponto do tempo, e o que fazem sobre esse modo de viver depois de receber as mensagens e começar a emitir a nova rodada”. (DOUGLAS & ISHERWOOD, 2013, p. 43)

Não só o *feedback* pode ser percebido como interminável, assim como a mutação, ou ressignificação do objeto, como afirmamos acima, é percebida como um dos signos desta sociedade de consumo como diagnostica Frederic Jameson (2006). Para ele “não possuímos o instrumental perceptivo para nos emparelhamos a esse novo hiperespaço. A fotografia digital com suas características de formas de registro e transferência de arquivos contribui para esse processo intenso, através de sua produção e consumos em *loopings* ininterruptos. Logo, a tecnologia digital, a internet e as redes sociais estariam em perfeita comunhão com esta sociedade contemporânea.

Para Fausto Colombo, que em sua obra *Arquivos imperfeitos* (1996), lançada no princípio da década de 1980⁷ do século passado, antes do advento comercial da internet como a principal mediadora tecnológica da comunicação humana, postulou que o século XX já sofria de uma obsessão pela memória, calcada na esteira da cultura e do constante desenvolvimento tecnológico. Nesse trabalho ele já propunha que não havia uma correspondência exata entre o tempo dedicado à gravação e ao arquivamento – ao abastecimento de um depósito – e o tempo dedicado ao acesso às lembranças. Para ele a imagem eletrônica – ele está falando sobre a imagem televisiva, pois a digital ainda não sido totalmente desenvolvida – teria uma lógica temporal do agora, do ao vivo, do efêmero. Em nosso modo de ver ele antecipa a própria lógica de registro da fotografia digital que, mesmo sendo estática, por permitir intervalos curtíssimos entre os cliques e transferência imediata (em alguns casos, como o envio de fotografias através do celular para uma rede social), dariam a impressão de uma transmissão ao vivo e contínua do cotidiano.

⁷ Título original da obra: *Gli Archivi Imperfetti*. Milão: Vita e Pensiero, 1986.



Paula Mendes (2012) e dissertação de mestrado em que analisou comparativamente álbuns de família analógicos e digitais apontou que o destino que estes últimos tomam é bem mais variado do os analógicos. Em sua pesquisa Mendes concluiu que a principal função de um álbum de família seria a de estreitar laços familiares, uma coisa que perpassa pelo senso comum. No entanto, o álbum digital também cumpriria o papel de ser um arquivo, uma forma de armazenamento de uma cópia, uma garantia de perenidade ao registro fotográfico. Isso vem a comprovar e atualizar as observações de Colombo no que tange à mania arquivística em constante expansão à medida que se avança cultural e tecnologicamente.

O Facebook, notamos, cumpre de maneira eficiente, como rede social, a função de arquivar de dados, fotografias principalmente. Um repositório de dados com níveis de organização variáveis, de pessoa para pessoa:

Um repositório de dados e, conseqüentemente, também da memória. Lá as imagens ficam, são acessadas com uma certa frequência inicialmente e depois permanecem “esquecidas”; mas do ponto de vista do usuário, são memórias arquivadas para acesso a qualquer momento. A partir do olhar de Colombo, notamos que a obsessão pela memória aumenta à medida em que o tempo disponibilizado para a contemplação do que é arquivado diminui. (PEDROZA, 2017, p. 37)

O consumo de imagens e partilha de afetos

Uma das características do consumo contemporâneo, como já mencionamos acima, é a produção excessiva. De acordo com Norval Baitello (2014) esse traço tende a provocar a incomunicabilidade. Para ele, a cultura da imagem redimensiona o tridimensional ao plano bidimensional da imagem, juntamente com a reprodutibilidade técnica provoca um aumento em sua demanda, gerando um desvalor – uma crise de visibilidade. O autor sentencia que esta era da visibilidade “nos transforma a todos em imagens, invertendo o vetor da interação humana, criando a visão que se satisfaz apenas com a visão”. (idem, p. 41). Em seus últimos trabalhos ele comenta que os detritos provocados pela produção de imagens em excesso cria uma ausência de vínculos por falta de comunicação (BAITELLO JR., CONTRERA, MENEZES, 2005), assim como a devoração por imagens nos torna consumidores e alimento delas (*op. cit.*).

Baitello traça um percurso de origem das imagens externas, que ocorrem quando as “imagens internas mentais e dos pensamentos que são gerados no espaço interno e obscuro dos sonhos” saem do



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

“útero escuro da nossa mente e do nosso pensamento, para o escuro das cavernas”. (BAITELLO JR., 2005, p. 74). Pensando num roteiro evolutivo da comunicação por imagens chegamos até Rose Rocha Para esta autora, o “percurso imageante” se inicia no momento em que damos sentidos às materialidades:

O sapiens-demens, dotado de razão e de imaginação, trafega pelas materialidades e pelos desertos e a eles atribuindo sentidos. Fazer sentido, e sentir o sentido que se fez, nos torna capazes de uma sobrevida. As imagens – ora materializadas em sepulturas, ora em pinturas – representam para Morin a fundação do papel mediador entre o mundo dos vivos e dos mortos. Nós, animais simbólicos, seríamos também animais capazes de experiência estética. Produtores e consumidores de imagens, estabelecemos nosso percurso imageante. (ROCHA, 2014, p. 206)

A partir da abordagem dos olhares desses autores e continuando este percurso “imageante”, desembocamos numa visão muito apurada do próprio Baitello, que conduziu-nos ao caminho que desenvolvemos em nossa pesquisa. Apesar da superexposição a que as imagens em uma página de internet podem estar submetidas, a uma transitoriedade constante que pode gerar um vazio (BAITELLO JR. 2014), é possível que também ocorra uma outra espécie de trânsito provocado por este “congestionamento”. O autor comenta que há um déficit emocional gerado a partir das imagens, criando a necessidade de “suprir a sensação e iludir a sua transitoriedade por meio de novas transitoriedades (*op. cit.*, p. 20).

Acreditamos, para criar um contraponto às proposições de Baitello, que o trabalho de documentação da comunidade praieira do litoral Norte de São Paulo e sua conseqüente divulgação no Facebook de forma um pouco mais lenta, gradual, remeteu-nos a um trânsito de permanência, não a uma transitoriedade, que paira enquanto vamos convocando memórias e consumo de afetos, convocações estas provocadas pelas ferramentas de interação desta rede social.

O consumo de imagens que nos significa: o álbum *Cores Caiçaras*

O pesquisador colombiano Armando Silva (2008) produziu, com o apoio de uma grande equipe que transitou entre a Colômbia e os Estados Unidos, um dos mais significativos trabalhos que estudam os álbuns de família. Trabalho rico não só no apuro metodológico assim como nas interpretações sutis



dos álbuns fotográficos analisados. Para ele, a fotografia é “esquiva, incapturável, poderosa” (idem. p. 17). Um álbum de fotografias narra histórias, uma fotografia também narra histórias, e dentro do álbum estas histórias se reconfiguram. “O álbum é fotografia, pois esta o fundamenta (...) Marca de um objeto real que lhe deu luz” (op, cit., p.18).

Tratando de nossa pesquisa, percebemos dois momentos em que a fotografia, além de fundamentar o álbum virtual, alastrou, ultrapassou os seus fundamentos: a história por trás destas fotos, antes de sua postagem no *Cores Caiçaras* e, e depois, quando dá-se a luz virtualmente gerando e nutrindo novas narrativas alicerçadas através das ferramentas de interação do Facebook. Um roteiro que, como mencionamos acima, foi iniciado pela fotógrafa e vem sendo reescrito pelos seus diversos visitantes.

Nossa pesquisa apoiou-se, além da bibliografia visitada e das entrevistas com a fotógrafa Nícia Guerriero, em comentários⁸ selecionados a partir de uma intensa pesquisa que geral um quadro de análises, como já mencionamos. Faz-se necessário salientar aqui que este espaço não comportaria uma análise tão aprofundada como fizemos sobre o álbum em nosso trabalho. Nossa dissertação, dada a grande quantidade de fotografias, impeliu-nos a explorá-las em categorias de análise, encontrando métodos que iam nos chegando, nos apoiamos inicialmente na sugestão barthesiana de deixar as fotos se manifestarem após um breve silêncio; descobrindo algumas interligações entre as suas imagens e também partindo do que havia sido registrado através das ferramentas de interação do Facebook, como por exemplo, *os momentos da pesca, personagens caiçaras, etc.*

Para a parte final deste artigo, optamos por apresentar, *ipsis literis*, uma das imagens que foram trabalhadas na dissertação bem como os comentários selecionados e nossas impressões. Achamos por bem disponibilizar desta maneira para evitar um *pout-porri* de análises pinçadas aqui e ali, o que poderia provocar alguma interpretação truncada de nossas análises. A imagem selecionada para ser aqui apresentada foi a que inaugurou a categoria de análise *Os momentos e os objetos da pesca*. Segue, na íntegra⁹:

⁸ É importante mencionar que o perfil da fotógrafa no Facebook é público. Mantivemos o primeiro e o último nome de cada usuário que interagiu com as publicações. Para o nome de associações ou grupos, deixamos o nome por completo.

⁹ Na tentativa de manter a estrutura da publicação de origem, no caso a dissertação do autor deste artigo, optou-se por não fazer um recuo (por se tratar de uma citação de mais de três linhas)



“Esta imagem abre a categoria das relações entre o momento e os objetos da pesca, uma cena muito representativa. Seu Maneco, na época com 87 anos, havia recebido, segundo a descrição da Nícia sobre a imagem, “um tronco de árvore [que] foi trazido pelo rio após uma grande chuva na época do Natal – seu Maneco recebeu o prêmio com entusiasmo”. A fotógrafa o retrata à beira do Rio, na areia que já faz parte da praia, próximo onde ele se encontra com o mar. Provavelmente o pescador, ao deparar-se com o tronco, anteviu a possibilidade de fazer um barco. Sua alegria no momento do clique denuncia o seu orgulho e a felicidade durante a realização de sua obra.

Um trabalho que possivelmente demorou dias, semanas... Sonia Santeiro comenta que presenciou “essa linda obra...querido, foi navegar em outras águas...em paz...”. Seu depoimento, faz alusão ao navegar em outras águas, o que nos leva a lembrar o trecho inicial do poema de Fernando Pessoa, “navegar é preciso”:

Navegadores antigos tinham uma frase gloriosa:
"Navegar é preciso; viver não é preciso"¹¹.
Quero para mim o espírito [d]esta frase, transformada a forma para a casar
como eu sou:
Viver não é necessário; o que é necessário é criar.
Não conto gozar a minha vida; nem em gozá-la penso.
Só quero torná-la grande,
ainda que para isso tenha de ser o meu corpo e a (minha alma) a lenha desse
fogo (PESSOA, 2013).

Seu Maneco iniciando a construção demorada de um barco, aos 87 anos de idade, é a própria alegoria do início desse poema: “viver não é necessário; o que é necessário é criar.” Sua vida está representada neste tronco, a partir de seu ato criador. Sua alma e seu corpo são transfigurados não na “lenha desse fogo”, mas na canoa dessas águas de agora, em vida, e depois, nas outras águas em que irá navegar. O nome da canoa, *Enchente*, citado no comentário de Sidney Teixeira é uma narrativa de uma palavra só de como foi que ele recebeu esse tronco de árvore de presente da natureza. A poesia de sua criação, em apenas uma palavra, estampada em seu casco”. (PEDROZA, 2017, pp. 73-75).

¹¹ "Navigare necesse; vivere non est necesse" - latim, frase de Pompeu, general romano, 106-48 aC., dita aos marinheiros, amedrontados, que recusavam viajar durante a guerra, cf. Plutarco, in Vida de Pompeu.



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Considerações finais

Comentamos em nossa pesquisa que este álbum poderia ser produtor de memórias e afetos compartilhados, estimulando

uma comunicação (e consumo) geradora de sentido, coesão, pertencimento, um sentido de comunidade, as fotografias funcionariam como um gatilho para a memória, pois acionam uma carga emocional muito forte. E este “gatilho”, agora numa rede social, é disparado inúmeras vezes: variam em intervalos, quantidades e intensidades. (PEDROZA, 2017, p. 54)

Acreditamos ter conseguido, minimamente, expor um panorama da referida dissertação. Ao final deste trabalho, um outro pormenor demonstrou a relevância deste trabalho citado: a fotógrafa, em uma das entrevistas (GUERRIEROa) em junho de 2016, comentou um sentimento de gratidão por ter suas imagens estudadas num trabalho acadêmico, provocando-lhe o desejo de publicar novas imagens, com uma certa parcimônia, no álbum *Cores Caiçaras*. Tempos depois (março de 2017), voltaria a postar outra imagem, intitulada *Dona Madalena, Mãe do chef Eudes, secando sororocas – agosto de 2016*¹². O que questionávamos era se um álbum virtual de uma rede social conseguiria expressar a memória, o consumo simbólico-afetivo e o sentido de comunidade. Ainda que deixando lacunas, conseguimos demonstrar isto positivamente, evidenciando tais questões através das interações e reações às publicações do álbum.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Afonso de. **Estudos de Mídia**. In: BACCEGA, Maria Aparecida; BERGER, Christa; CITELLI, Adilson [et al.] (orgs). *Dicionário de comunicação: escolas, teorias e autores*. São Paulo: Contexto, 2014.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Rola Mundo**. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BAITELLO JR., Norval. **Incomunicação e imagens**. In: BAITELLO JR., N.; CONTRERA, M. S.; MENEZES, J. E. D. O. *Os meios da incomunicação*. São Paulo: Annablume, 2005.
- _____. **A serpente, a maçã e o holograma**. São Paulo: Paulus, 2010.
- _____. **A era da iconofagia**. São Paulo: Paulus, 2014.
- COLOMBO, Fausto. **Os arquivos imperfeitos: memória social e cultura eletrônica**. São Paulo: Perspectiva, 1991.
- DOUGLAS, Mary e ISHERWOOD, Baron. **O mundo dos bens: para uma antropologia do consumo**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

¹²Disponível em:

<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=10211255066005268&set=a.10200449182424932.1073741826.1617791253&type=3&theater>



COMUNICON2018
congresso internacional
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

FABRIS, Annateresa, Org. **Fotografia: usos e funções no século XIX.** São Paulo: Edusp, 1991
FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de pesquisa para a internet.** Porto Alegre: Sulina, 2011.
HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2013.

MENDES, Paula Joana Magalhães de Jesus. **O álbum (i)material.** O impacto da fotografia digital na produção do álbum de família. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2012.

OROFINO, Maria Isabel e NUNES, Mônica Rebecca Ferrari Nunes. **Posfácio: memória, comunicação e consumo: vestígios e prospecções.** In: ROCHA, Rose de Melo e NETO, Luiz Perez (orgs.)
PESSOA, Fernando. **Navegar é preciso.** In: ARRAIS, Rafael (org.). São Paulo: 2013. *E-book.*

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. **Curtir, compartilhar, comentar:** trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. Verso e Reverso: revista da UNISINOS – Universidade do Vale do rio dos Sinos, nº XXVIII (68):114-124, maio-agosto 2014. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2014.28.68.06>
Acesso em: 23 de Agosto de 2016.

ROCHA, Rose de Melo. **A pureza impossível:** consumindo imagens, imaginando o consumo. ROCHA. In: Rose de Melo e CASAQUI, Vander.(Orgs.). *Estéticas Midiáticas e Narrativas do Consumo.* Porto Alegre: Sulina, 2012.

ROCHA, Rose de Mello. **É a partir de imagens que falamos de consumo.** In: BACCEGA, Maria Aparecida, e CASTRO, Gisela (orgs.). *Comunicação e consumo nas culturas locais e global.* São Paulo: ESPM, 2009.

ROCHA, Rose de Melo. **Núpcias de sangue, luz e volúpia:** relações entre imagens e objetos nas culturas de consumo. In: *Comunicação, consumo e ação reflexiva: caminhos para a educação do futuro.* Porto Alegre, Sulina, 2014

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SAMAIN, Etienne (org.) **O Fotográfico.** São Paulo: Editora Hucitec e Senac Editora, 2ª ed., 1998.

SILVA, Armando. **Álbum de família:** a imagem de nós mesmos. São Paulo: Editora Senac. São Paulo: Edições SESC, 2008.

SOTILO, Caroline. **O postal em seus movimentos:** comunicação e memória. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2009

_____, Caroline. **Os cartões postais e a fotografia:** reprodução e consumo. Trabalho apresentado ao GT Comunicação, Consumo e Memória: cenas culturais e midiáticas. IV Congresso Internacional em Comunicação e Consumo. COMUNICON 2014. Disponível em http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_sete/GT07_SOTILO.pdf Acesso em 26 de Julho de 2017.

VELOSO, Caetano. **Oração ao tempo.** In: VELOSO, Caetano. *Cinema transcendental.* Rio de Janeiro: Verve, 1979. Compact Disc

GUERRIERO, Nícia. **Nícia Guerriero: depoimento** [mai. 2016a]. Entrevistador: Gilson Dias Pedroza. São Paulo: ESPM-SP, 2017. Entrevista concedida para a dissertação “Cores Caiçaras: Memórias, consumos e afetos compartilhados no litoral norte de São Paulo” (PPGCOM-ESPM), sob orientação de Mônica Rebecca Ferrari Nunes.

GUERRIERO, Nícia. **Nícia Guerriero: depoimento** [mai. 2017a]. Entrevistador: Gilson Dias Pedroza. São Paulo: ESPM-SP, 2017. Entrevista concedida para a dissertação “Cores Caiçaras: Memórias, consumos e afetos compartilhados no litoral norte de São Paulo” (PPGCOM-ESPM), sob orientação de Mônica Rebecca Ferrari Nunes.